

Trabalhos pagos garantem o diploma

JT
22/8/99

Estudantes que querem tirar o diploma de curso superior ou mesmo concluir uma tese de pós-graduação sem muito esforço contratam profissionais para fazer seus trabalhos escolares

Para tranquilidade dos estudantes e terror dos professores, uma modalidade de ganhar dinheiro tem espaço garantido nas universidades: o trabalho escolar page. Em São Paulo, profissionais sobrevivem produzindo trabalhos, monografias e até teses de doutorado para que estudantes garantam as notas que um dia lhes darão um diploma de curso superior. A divulgação é feita principalmente por meio de panfletos fixados nas paredes das faculdades e os preços podem chegar a R\$ 2,1 mil.

O gerente de marketing Fábio Marcondes é um desses profissionais. Depois de ter trabalhado em um instituto de pesquisa por quatro anos, resolveu investir no seu conhecimento, cobrando para fazer parte do trabalho da conclusão de curso (TCC) para estudantes "muito ocupados". Só não fazia o trabalho de campo." Marcondes cobra dos alunos R\$ 175 para cada pesquisa com 100 entrevistados. "Este é um mercado próprio para o momento, a hora das pessoas não tem tempo para nada."

Mercado

O caso de Isabela Fiore, que se formou no ano passado em Jornalismo na Faculdade Anhembi Morumbi, é um pouco diferente. Ela é uma amiga, que sempre fizeram os trabalhos para seus colegas de classe, resolveram cobrar pelo serviço só no último ano da faculdade. Fizeram o TCC para um grupo de seis pessoas e cobraram R\$ 1200. "Ficou melhor que o meu", disse Isabela.

Com mais cautela, há três anos os Irmãos Roberto e Marco (preferiram omitir o sobrenome), "por uma questão de tática", só fizeram digitação de trabalhos. São tão dedicados que já ficaram quatro dias seguidos com o computador ligado. "Meu irmão me acordava às 5h30 para trocar de turno," conta Marco. "Digitamos cerca de 40 trabalhos no último semestre."

O mercado paralelo e ilegal de trabalhos é comum também entre calouros e veteranos de uma mesma faculdade. Rodrigo Mattar, de 23 anos, estudante de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), já vendeu um trabalho para um colega do semestre anterior. "O professor dá sempre o mesmo tema, como tinha tirado nave e meio, vendi e meus por R\$ 65," conta. "Aprendemos cada trabalho no mercado," brinca Mattar.

Teses

Um dos nomes mais conhecidos dos alunos é Miriam, presente em cartazes pregados sem autorização na porta do banheiro de várias faculdades. Na propaganda, a profissional lista todos os serviços oferecidos e termina a relação, garantindo: "E todo tipo de trabalho que precisar".

Ela não quis conversar com a reportagem mas, segundo uma de suas clientes, que não quis se identificar, Miriam tem formação superior e já fez até teses para outros alunos. Nesse caso, o serviço pode ir de uma simples ajuda na pesquisa até a redação final.

E como se sair bem no dia da defesa da tese? Miriam diz que oferece uma orientação extra. "Sou como uma aluna aplicada, mas não garanto nota."

O serviço também já chegou à Internet. Na rede, os estudantes podem encontrar várias páginas que oferecem desde material de pesquisa a teses de doutorado. Basta escolher o tipo de trabalho e enviar informações como tema, tamanho e prazo de entrega.

Uma tese de doutorado, por exemplo, pode ser feita em seis meses e custa, em média, R\$ 1,5 mil. Os preços são fornecidos na hora e a entrega pode ser feita por meio de e-mail, disquete ou trabalho impresso enviados pelo correio.

Falta de tempo

Os motivos alegados pelos estudantes para a compra de trabalhos são os mais variados, desde falta de tempo e disposição até falta de habilidade. A psicóloga Andréa Capelato acredita que há dois motivos principais para a "fuga do desafio": a desinteresse pela matéria dada e a falta de preparo dos estudantes.

"O aluno fica desestimulado quando a distância entre a matéria dada e sua realidade é grande," segundo Andréa, quem compra trabalhos está prejudicando sua auto-estima. "É um atestado de que ele não é capaz."

O estudante da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Jonas (nome fictício), de 20 anos, diz que o tempo é seu principal problema. Jonas, que costuma pagar alguém para digitar seus trabalhos, conta que os preços variam de acordo com a nota de que o aluno precisa. "Se for uma nota muito alta, terá de pagar para um aluno mais aplicado e o preço será maior." Segundo o estudante, há até promoções e facilidades de pagamento. "Eles dão a garantia de que se a nota é inferior a sete, devolvem o dinheiro."

Engano

Mas, às vezes, a facilidade pode transformar-se em problema. No ano passado, o grupo da estudante de Comunicação Social da Faculdade São Judas Tadeu Cíntia Colégio, de 19 anos, estava sem tempo para fazer um trabalho e decidiu que a unica solução seria pagar alguém. Mas, quando foi pegar o trabalho, apurou-se: estava errado e inteiro borrado. "Tivemos de refazer tudo em um dia, ficou pessimo,"

Por causa da enorme quanti-



dade de trabalhos que têm para corrigir, em um curto espaço de tempo, os professores muitas vezes não conseguem perceber a diferença entre um trabalho pago e um feito.

O professor aprova alunos que não têm potencial e os que ele acompanhou durante o semestre acabam sendo reprovados," diz, incomodada, a estudante de Desenho Industrial da FAAP Karina Milani, de 22 anos. Ela conta que vários alunos compraram o trabalho final de uma disciplina e receberam notas altas, enquanto ela, que fez, foi reprovada.

Assim como Karina, a estudante de Pedagogia da PUC Ana Maria Possatto, de 19 anos, não se conforma com o comércio de trabalhos. "A faculdade já é cara e as pessoas ainda pagam outros para fazerem seus trabalhos?" indaga Ana Ma-

ria. "Agora só falta comprar diploma."

Durante o colégio, o estudante Igor Costa, de 19 anos, contava com a "solidariedade" dos colegas para passar de ano. "Dividímos os trabalhos do bimestre entre os alunos do grupo."

O professor aprova alunos que não têm potencial e os que ele acompanhou durante o semestre acabam sendo reprovados," diz, incomodada, a estudante de Desenho Industrial da FAAP Karina Milani, de 22 anos. Ela conta que vários alunos compraram o trabalho final de uma disciplina e receberam notas altas, enquanto ela, que fez, foi reprovada.

Hoje, já na Faculdade de Administração de Empresas da PUC, Costa mudou de postura. "Não quero apenas passar de ano e garantir meu diploma," disse. "Quero ser um bom profissional."

Há dois anos, Sidney Ferreira Leite, professor de História das faculdades Casper Líbero e Camilo Castelo Branco, descobriu uma rede de alunos, já formados, que fazia os trabalhos para seus estudantes. "Percebi que eles não tinham

condições de fazer trabalhos tão bem elaborados." Leite conta que, depois desse episódio, nunca mais pediu para eles fazerem trabalho.

Fraude

No entanto, quando o assunto é fazer uma tese, as coisas se complicam. Segundo a professora do curso de pós-graduação em Educação da Unesp de Marília Suelli Andrade, "é bônus um acompanhamento contínuo do professor durante a elaboração da tese não haver como haver fraude." Para Suelli, isso ocorre quando o corpo docente não está comprometido com a educação.

Carolina Hanashiro e Anna Cecília Junqueira, especial para o JT

Atividade é ilegal. E pode dar cadeia

Crime é de falsidade ideológica, segundo o advogado Fausto Paricacci. Quem compra os trabalhos sujeita-se a ser punido com expulsão

Além de antitético, comprar e vender trabalhos escolares pode ser considerado crime. Segundo o professor de Ética Profissional da Faculdade de Direito da PUC-SP Vladimir Novais, "quem compra trabalhos na faculdade pode perder o limite e fazer coisas piores na vida profissional." Novais explica que, além de irregular academicamente, comprar trabalho é ilegal. "O aluno pode ser punido com suspensão e expulsão e pode responder a um processo de falsidade ideológica."

O autor dos trabalhos também pode ter de responder criminalmente. "Se for constatado que ele sabia a finalidade do trabalho, comprova-se que ele possibilitou a ocorrência do crime de falsidade ideológica", explica o advogado Fausto Paricacci. No entanto, ele avverte que o trabalho escolar não configura um documento. Neste caso, tanto o autor real quanto o virtual ficariam sem punição na esfera penal."

Segundo o advogado Adil Salomão, especialista em Educação, a pessoa que faz trabalhos em nome de outra é "formadora de quadrilha." Para o crime de falsidade ideológica, o código penal prevê reclusão de um a três anos, além de multa a ser estipulada pelo juiz.

Ensino procurado

"Pagar para uma pessoa fazer o projeto final é uma modalidade de delinquência," afirma o professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) José Cerci Fusari. "O trabalho - de fato, resenha até tese - é um instrumento para a formação política, técnica e ética do profissional." Para Fusari, o trabalho pago reflete o contexto da sociedade. "É a corrupção brasileira." Segundo o professor, quando isso ocorre, é o momento de parar o curso e conversar com os alunos.

A também educadora da USP Licândro Maria Castello Branco, diz que o mercado de trabalhos ilegais só denuncia a precariedade da relação entre professores e alunos. "Se o contato estivesse de fato, o professor teria oportunidade de avaliar se o aluno tinha ou não condições de fazer tal trabalho." Licândro diz que essas irregularidades só ocorrem porque há a ilusão de que o saber se resume à posse de informações. "Uma coisa é ter informação, outra é ter conhecimento," explica. "O importante é o processo e não o produto final."

Para a educadora, a escola moderna não deve se preocupar apenas com a informação - que está disponível em diversos meios -, mas, principalmente, proporcionar a reflexão. "As avaliações escolares, em geral, ainda têm uma marca de memorização maior que o exercício da reflexão e do raciocínio."

(C.H. e A.C.J.)



Rodrigo Mattar, de 23 anos, estudante de Economia, diz que já vendeu um trabalho para um colega por 85 reais.

Karina Milani foi reprovada em uma disciplina, enquanto colegas que compraram trabalhos foram aprovados.